

OLD CHALLENGES, NEW PATHWAYS: SOCIAL ENTERPRISES FOSTERING IMPROVEMENT AND SOCIAL INNOVATION ON SOCIAL INCLUSION

BOLETIM INFORMATIVO 6
JULHO 2015

EDITORIAL

Este é a sexta e última newsletter do projecto «Old Challenges, New Pathways – social enterprises fostering improvement and social innovation in social inclusion». O projecto OCNP durou 2 anos (Set. 2013-Jul. 2015) e foi financiado através do [Lifelong Learning Programme](#).

Consistiu num conjunto de visitas de intercâmbio e *networking* entre parceiros de 5 países europeus e centrou-se nas Empresas Sociais de Inserção pelo Trabalho. Esta newsletter tem por objectivo partilhar os resultados e aprendizagens do projecto que foram apresentados no seminário final, bem como da visita e dos debates que tiveram lugar durante a última reunião transnacional.

PARCEIROS DO PROJECTO

- [A3S Associação para o Empreendedorismo Social e a Sustentabilidade do Terceiro Sector](#) (PT)
- [Scuola Centrale Formazione](#) (IT)
- [Samenwerkingsverband Sociale Tewerkstelling vzw](#) (BE)
- [Focus – Association for mental health Care](#) (RC)
- [Centre d'Initiative et de Gestion Local Strassen a.s.b.l.](#) (LU)



SEMINÁRIO FINAL DO PROJETO

Teve lugar, no dia 26 de Junho, na Atmosfera M no Porto, o seminário final do projecto “*Old challenges, New pathways: social enterprises fostering improvement and social innovation on social inclusion*”, que reuniu a participação de vários *stakeholders* nacionais e internacionais associados à problemática da inserção pelo emprego de públicos em situação de vulnerabilidade social. Este seminário constituiu uma ocasião privilegiada de reflexão e debate sobre as questões associadas ao trabalho em rede regional, nacional e europeia, na resposta aos desafios do desemprego e da luta contra a pobreza. O seminário centrou-se no aprofundamento do conhecimento e troca de experiências sobre as diferentes realidades das Empresas Sociais de Inserção pelo Trabalho (EI) em vários pontos da Europa. Para além disso, o seminário serviu como uma janela de apresentação da estratégia da [RESIT](#) – Rede de Empresas Sociais de Inserção pelo Trabalho como também do trabalho institucional e de *networking* que tem esta tem desenvolvido ao nível europeu, nomeadamente através da ligação com a [ENSIE](#) – *European Network of Social Integration Entreprises*.

Após uma introdução do programa do seminário e do projecto conduzida por Carlota Quintão (A3S), Sofia Mora (A3S), partilhou as aprendizagens do “*Old challenges, New pathways*”. De destacar a grande diversidade de respostas existentes em diferentes países europeus face às características dos públicos-alvo (nomeadamente os seus níveis produtividade e de autonomia na integração no mercado trabalho) e das relações estabelecidas com os empregadores e as políticas públicas. De ressaltar também o grande desafio comum no que toca às formas de financiamento das EI, incluindo a comercialização de bens e serviços. Uma aprendizagem essencial é a importância de promover o debate público, a pressão política e o trabalho em rede nacional e europeu como factores chave para a afirmação e sustentabilidade das empresas de inserção.

De seguida, os parceiros europeus apresentaram, a experiência nacional das Empresas de Inserção nos seus respetivos países. Rebecca Minghetti (SCF) apresentou a experiência italiana; Hana Habibalová (FOKUS) a experiência checa; Werner Leemans (SST) e Pietre Hendrickx (municipalidade de Ghent) a experiência belga. Ainda no panorama internacional, Maria Nieves apresentou as linhas estratégicas gerais da [FAEDEI](#) – *Federación de Asociaciones Empresariales de Empresas de Inserción* e da [ENSIE](#).

Ao nível nacional foi apresentada a estratégia da RESIT, bem como o trabalho desenvolvido nas EI de alguns dos seus membros: Rosa Silva apresentou a acção da ARTENAVE em Moimenta da Beira e José Ricardo a a acção do Centro Social de Soutelo em Gondomar. Foram apresentados dados relativos ao carácter inovador que estas trazem ao sector e dados estatísticos relativos à inserção de públicos desfavorecidos no mercado regular de trabalho. Para além destes oradores, o seminário contou também com a presença de outros interlocutores chave do sector da economia social. Carla Vale do Centro de Emprego de Gondomar falou sobre as medidas de inserção pelo trabalho em Gondomar. Filipe Pinto do Instituto Padre António Vieira (IPAV), partilhou informações sobre o Desenvolvimento Local de Base Comunitária Frente Atlântica. Por fim, Américo Mendes da Universidade Católica Portuguesa fechou o seminário discutindo o papel das políticas públicas na inclusão pelo trabalho.

Todas as apresentações estão disponíveis em [português](#) e [inglês](#) no website da A3S.

ESTRATÉGIA RESIT

A missão da [RESIT](#) é a de perseguir mais e melhores pontes entre o emprego e a inclusão social de grupos vulneráveis, em cooperação com os sectores público/privado e as organizações de economia social.

A RESIT é uma rede informal de organizações de economia social que trabalham voluntariamente desde Novembro de 2011. É membro da *ENSIE - European Network of Social Integration Enterprises*, desde Agosto 2013.

A participação no projeto OCNP constituiu um factor essencial na consolidação da estratégia de reforço de cooperação ao nível europeu através da ENSIE, que foi desde o início um objectivo central da rede. Ao nível nacional, os membros da RESIT foram os *stakeholders* fundamentais do projeto e tiveram uma presença e participação activa no mesmo.

A estratégia da RESIT para os próximos anos assenta em três eixos fundamentais:

1. Implementação de novas metodologias/estratégias de regulação entre a oferta e a procura de trabalho;
2. Capitalizar os conhecimentos adquiridos para criar e testar um novo modelo de empresa social de inserção para Portugal;
3. Defender uma política pública para a inclusão pelo trabalho.

A estratégia continuará a promover a implementação de modelos eficazes e boas práticas de inserção socioprofissional das pessoas em situação de vulnerabilidade social e reforçar, expandir e profissionalizar a sua própria estrutura organizacional.

www.resit-europe4all.pt

MEMBROS DA RESIT

- [A3S](#)
- [ADSG](#)
- [ANARP](#)
- [APDES](#)
- [APPV](#)
- [Aria Jardins](#)
- [ARTENAVE](#)
- [Centro Social de Soutelo](#)

VISITA AO CENTRO SOCIAL DE SOUTELO

Para além de um debate final sobre as conclusões do projecto e passos a seguir no futuro, a última reunião transnacional incluiu também uma visita ao Centro Social de Soutelo.

O Centro Social de Soutelo é uma Instituição de Particular de Solidariedade Social (IPSS) que tem como missão satisfazer as necessidades e expectativas legítimas da comunidade, promovendo a igualdade, a participação, a cooperação e a solidariedade. O Centro presta serviços na área educativa (Creche, Pré-Escolar e Centro de Actividades de Tempos Livres 1.º, 2.º e 3.º Ciclos); área dos idosos e dependentes (Centro de Dia, Centro de Convívio e Serviço de Apoio Domiciliário) e na área da intervenção comunitária (Rendimento Social de Inserção, Empresas de Inserção e outros projetos). Para além dos profissionais que trabalham nestes serviços, a organização tem uma forte dinâmica associativa onde participam aproximadamente 200 pessoas. Neste âmbito desenvolvem-se várias actividades culturais e sociais tais como: Coro Madrigal, Grupo Danças e Cantares, Grupo de Teatro Coragem, Coro Infantil, Yoga, Aerodance, Go'Dance, Equipa Cultural, Atelier de Viola e equipas voluntárias em iniciativas como a recolha de alimentos para o Banco Alimentar.

O Centro Social de Soutelo tem duas Empresas de Inserção (EI): a Sorrisos I e a Sorrisos II. A missão destas EIs é a de promover a reinserção socio-profissional de pessoas em situação de desemprego de longa duração e/ou de desfavorecimento face ao mercado de trabalho. Para o efeito tem o intuito de formar profissionalmente estas pessoas, ao mesmo tempo assegurando uma resposta social em serviços de apoio domiciliário contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e bem-estar da restante comunidade.



As duas empresas de inserção, com os seus 17 trabalhadores, prestaram serviços sociais que foram valorizados em 109.267,00 de euros no ano de 2011. Estas EI eram financiadas em cerca de 70% pelo Estado, sendo que os restantes 30% resultavam da venda de serviços no mercado.

Os seus principais clientes incluem 79 particulares e 3 organizações (1 empresa de formação, 1 agrupamento escolar e 1 associação). Os seus principais parceiros são o Centro de Saúde e o IEFP.

Estas EI prestam diversos serviços tais como serviços pessoais ao domicílio, venda e aluguer de material geriátrico, transporte de crianças com necessidades especiais para as escolas, entre outros. Neste momento as duas EI têm 25 trabalhadores desfavorecidos nos seus quadros. Já passaram 73 pessoas pelo processo de inserção, das quais 47 foram inseridas profissionalmente à saída. Metade dos indivíduos envolvidos no processo conseguem a integração laboral no próprio Centro, em organizações sociais e, mais raramente, através do autoemprego.



Um dos factores inovadores destas EI é a utilização de metodologias participativas, envolvendo os trabalhadores, como o elemento mais inovador da gestão das pessoas envolvidas.

AS APRENDIZAGENS DO PROJECTO “OLD CHALLENGES, NEW PATHWAYS”

O “*Old challenges, New pathways: social enterprises fostering improvement and social innovation on social inclusion*” constituiu um projecto de intercâmbio de elevado impacte do ponto de vista experiencial para os participantes. Muitas aprendizagens de foro subjectivo e intangível resultaram e outras ainda que procuramos partilhar aqui.

As Empresas Sociais de Inserção pelo Trabalho (EI) respondem à necessidade de aproximação entre o mercado de emprego e pessoas em situações muito diversificadas de vulnerabilidade: deficiência, doença mental, sem abrigo, reclusão, consumo de drogas, entre outras categorias de públicos desfavorecidos. As EIs são iniciativas empresariais que se organizam segundo uma lógica de sustentabilidade económica e que oferecem bens e serviços com o principal objetivo de integrar pessoas que estão afastadas do mercado de trabalho. A sua missão social é a criação de condições de empoderamento e qualificação valorizando abordagens pedagógicas. Para tal, assentam numa abordagem integrada que inclui a dimensão do emprego (formação, desenvolvimento de competências, procura de trabalho), o acompanhamento social (articulação com estruturas de apoio na área da saúde, social, habitação) e o papel dos pares (trabalhadores com maior experiência ajudam os mais recentes na sua integração).

De forma sucinta partilhamos as 6 aprendizagens principais resultados do OCNP:

1 // Existe uma profunda diversidade cultural e histórica nos vários países visitados, à qual corresponde uma **heterogeneidade de experiências e modelos de empresas sociais de inserção pelo trabalho**. Estas variam em função das distintas características do mercado de trabalho, das políticas públicas e das tradições de intervenção da sociedade civil.

2 // Constata-se uma aposta estratégica clara na **qualidade dos produtos e na sua afirmação comercial**. A competitividade ao nível empresarial desenvolve-se através da cooperação com os diversos agentes da economia local, e da diversidade e complementaridade dos negócios entre EI.

3 // As EI promovem **respostas à medida e adaptadas** consoante as características dos públicos-alvo (ex. níveis produtividade vs autonomia na integração no mercado trabalho) e a estrutura de oportunidades do contexto (ex. relação com empregadores, política pública).

4 // A **sustentabilidade financeira** é o maior e mais transversal desafio. Para além da geração de receitas próprias através da venda de bens e serviços, o papel do Estado é fundamental seja através de apoio financeiro directo, seja por via da contratação para aquisição de bens e serviços. O desafio actual prende-se com a retracção do papel do Estado, sentida em todos os países, e a conseqüente necessidade de alargar a geração de receitas próprias.

5 // O actual **debate europeu sobre as empresas sociais** constitui uma oportunidade para o reconhecimento e a afirmação das empresas sociais de integração pelo trabalho.

6 // Uma forte **participação em redes de representação e negociação política**, bem como fortes dinâmicas de cooperação **regional, nacional e europeia** são determinantes para a afirmação do sector da inserção pelo trabalho e das suas organizações. Estabeleceu-se também uma relação com a Comissão Europeia através da estrutura de representação ENSIE e uma compreensão dos desafios europeus e articulação com as estratégias ENSIE

Por fim destacamos as mais-valias para Portugal e para a RESIT no seguimento deste projeto. Deste resultou uma clara aproximação aos membros e estrutura da ENSIE patente, por exemplo, na concretização de um novo projeto europeu já em curso - “*Strengthening emergent professional profiles in the third sector*”. Adicionalmente, e no seguimento do estabelecimento de contactos institucionais, existem potenciais parcerias para projetos em diferentes áreas de intervenção tais como a firmação do estatuto de empresa social (República Checa), avaliação de resultados e impactes (Bélgica) e desenvolvimento de estratégias de trabalho em rede e suporte de novas iniciativas (Itália).

A VOZ DOS PARCEIROS

“Nos anos recentes, peritos em economia social começaram a associar a realidade das empresas sociais com o conceito de “hibridização”: graças à sua capacidade de misturar e juntar as três partes que constituem o todo da sociedade (o Estado, o Mercado e a Sociedade Civil), as empresas sociais de inserção pelo trabalho constituem-se como um modelo mais inclusivo e equitativo, orientado para a produção de valor económico não apenas para a empresa social e os seus públicos desfavorecidos, mas para toda a comunidade territorial.” SCF

“... O foco nas competências, as forças das pessoas... Nós olhamos para aquilo que as pessoas conseguem fazer, em vez de olhar para aquilo que não conseguem. Notámos que é necessário combater de forma contínua a estigmatização e esforçarmo-nos pelo direito ao trabalho de todos os grupos, em todos os países parceiros. A ponte para a economia regular continua a ser difícil de atravessar.” SST

“As EI necessitam de uma “organização chapéu” para fazer pressão política, encorajar o trabalho em rede, a aprendizagem mútua, partilhar boas práticas, desenvolver competências (pessoas mas também organizacionais). A cooperação com as autoridades locais, os parceiros sociais é também muito importante. O governo local pode ser um embaixador da economia social. As EI necessitam de integrar absolutamente a economia local, estar presentes e visíveis, e acentuar a sua mais valia.” SST

“Graças a este projecto e às relações nascidas no seio da rede ENSIE, concretizámos com o parceiro português um projecto Erasmus+ KA2 project sobre os novos perfis profissionais emergentes nas empresas sociais” SCF